

# O espaço na Educação Infantil: um estudo de caso em um CEI Municipal de Blumenau

Elora Testoni Felippi\*  
Gicele Maria Cervi\*\*

*The space in the Child Education: a case study of a municipal Child Education Center from Blumenau*

---

\*Formada em Pedagogia pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado em Educação. Possui vínculo ao Grupo de Pesquisa: Políticas de Educação na Contemporaneidade e a Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais. Professora do Magistério pelo Estado de Santa Catarina.

\*\*Formada em Pedagogia. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. Doutorado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Professora no Programa de Pós-Graduação - Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau. Está vinculada ao Grupo de Pesquisa: Políticas de Educação na Contemporaneidade na Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais. Coordenadora do PIBID da Universidade Regional de Blumenau.

**RESUMO:** O artigo é resultado de uma pesquisa sobre o espaço para crianças na Educação Infantil. Nele são problematizados os conceitos de infância, criança e espaço. Trata-se de uma abordagem qualitativa e pós-crítica de pesquisa. O campo de pesquisa foi um Centro de Educação Infantil (CEI) público de Blumenau, Santa Catarina. A geração de dados foi a partir da observação com registro fotográfico. Os principais autores que fundamentam esta pesquisa são Maria da Graça Souza Horn, Lina E. Forneiro, Maria Isabel E. Bujes, Philippe Ariès, e outros. Com os dados gerados foi realizada uma análise utilizando, como categorias, quatro dimensões do espaço e ambiente: dimensão física, dimensão relacional, dimensão funcional e dimensão temporal. Com a análise, foi possível observar que a organização do espaço, num primeiro olhar, parte do adulto, mas a criança é ouvida, é imersa no espaço do planejamento, havendo trajetórias e desdobramentos que fazem daquela educação infantil um lugar de relações e potencialidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação infantil; Espaço para as crianças; Organização do espaço.

**ABSTRACT:** *This article is a result of a research about space in child education. The study investigates the concepts of childhood, child and space in child education. A qualitative and post-critical approach was undertaken. The field of research was a public Child Education Center in Blumenau, Santa Catarina. The data was generated from observation of photographic records. The main authors who supported the research are Maria da Graça Souza Horn, Lina E. Forneiro, Maria Isabel E. Bujes, Philippe Ariès, and others. The data collected was analyzed by using categories, four functional dimensions of space and environment: physical dimension, relational dimension, functional dimension and time dimension. With the analysis was possible to observe that the organization of the space, in a first moment, comes from the adult, but the child is heard and immersed in the space of planning, showing trajectories and deployments which makes the child education a place of relations and potentialities.*

**KEYWORDS:** *Child education; Space for children; Organization of the space.*

## INTRODUÇÃO

O estudo aborda o espaço na educação infantil como elemento fundamental para a criança no conhecimento do mundo e de tudo aquilo que faz parte dele. A criança necessita estar em contato com vários materiais e objetos, que ofereçam **não apenas ações, mas desafios**.

A criança é um ser que pensa e age de um modo muito próprio. É sujeito histórico e inserida numa cultura que, segundo Bujes (2003, p. 8), é tratada como “[...] um campo isento de poder”. Mas, para que haja poder é preciso um saber, um “objeto conhecível” (BUJES, 2000, p. 30). Para Gondra (2010, p. 209 grifo do autor), o poder é “o aparecimento de um direito de intervir para fazer viver, de intervir sobre a maneira de viver e sobre o ‘como’ da vida”. Esta ideia de poder na infância está relacionada com o sistema normativo, um sistema regulatório que atualiza as ideias de infância que reproduzimos (GONDRA, 2010).

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e tem como finalidade “o desenvolvimento integral das crianças de zero a cinco anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social” (BRASIL, 2009, p. 3). Escapando das ideias da criança biológica, como ressalta Veiga (2010, p. 16) apud Mello; Luz (2015, p. 112): “[...] ir além de uma lógica supostamente natural/evolucionista de entendimento da infância como uma das etapas biológicas da vida, ou seja, é preciso compreender o tempo geracional numa perspectiva relacional como dimensão da experiência humana”. Compreender a criança como um ser que vive e que cria relações em seu meio, não sendo biológica, mas vivendo e construindo sua história (MELLO; LUZ, 2015).

Considera-se, como problemática de pesquisa, a seguinte pergunta: como é pensado o espaço e o ambiente para a criança num CEI público de Blumenau? O objetivo da pesquisa trata-se em problematizar os diferentes conceitos de infância, criança e espaço a partir de uma microanálise em um CEI público de Blumenau.

O campo de pesquisa foi em um Centro de Educação Infantil público de Blumenau, Santa Catarina. A geração de dados foi a partir da observação com registro fotográfico.

Com os dados de pesquisa infere-se que o CEI pesquisado é organizado

a partir de eixos norteadores para a educação infantil: interação e brincadeiras, visando à organização do espaço para as crianças e proporcionando no espaço diferentes elementos, como materiais, mobiliário, diferentes cores, sons e aromas.

Os principais autores utilizados na discussão sobre a organização do espaço, e nos conceitos de criança e infância, são Maria da Graça Souza Horn, Lina E. Forneiro, Philippe Ariès, Maria Isabel E. Bujes, e outros.

O artigo está organizado em cinco movimentos. A primeira é a contextualização da trajetória da infância; no segundo movimento, a criança e a infância na educação infantil; no terceiro, a trajetória de pesquisa; no quarto, movimento as análises dos dados empíricos; e, no quinto movimento, inserem-se as considerações finais da pesquisa. Entende-se que a organização do espaço para crianças na educação infantil requer atenção, cuidado e diálogo, para apresentar as crianças outros tipos de cenário, outros problemas, outros desafios, novos trajetos e outras vivências.

### **A TRAJETÓRIA DA INFÂNCIA: UM ESPAÇO QUE É GOVERNADO**

A infância era considerada meramente natural e universal, visto que a criança faz parte de um espaço e tempo que apontam seu caráter social e histórico. As concepções de criança e infância na modernidade estão relacionadas com a socialização (VARELA; URIA, 1991).

Segundo Larrosa (2001, p. 284) apud Bujes (2003, p. 6):

A criança não é nem antiga nem moderna, não está antes nem depois, mas agora, atual, presente. Seu tempo não é linear nem evolutivo, nem genético nem dialético, nem sequer narrativo. A criança é um presente inatural, intempestivo, uma figura do acontecimento.

Segundo Bujes (2003) a ciência moderna se organizou com a pretensão de edificar sistemas que abarcassem as compreensões da realidade, para dar conta da organização e do funcionamento do mundo. Conforme Bujes (2003, p. 6), a infância não possui características universais, mas “a idéia de que a infância foi descoberta pressupõe que certas características universais das crianças e de um modo de viver a infância vieram a ser percebidas em determinado momento histórico, num contexto de reflexão filosófica e atividade científica”.

Nessa caracterização, Bujes (2003) traz Ariès que explica a relação da

família e da sociedade com a criança. Um sentimento indiferente. Tratadas como mini adultos, vestiam-se como adultos e tinham uma vida como adultos. Presenciavam brigas, orgias. Conforme Bahr (2012, p. 16), “não havia diferenciação em relação ao vestuário, as atividades, aos jogos, a sexualidade, ao trabalho”. Segundo Ariès (1981), a relação da criança com a família e a sociedade era passageira, breve. Os sentimentos eram momentâneos, se as crianças morriam, não davam importância, pois outra logo nasceria para substituí-la (ARIÈS, 1981).

No século XVII, começou-se a ter outros olhares para a infância. A criança começou a ser percebida pela família e pela sociedade. De acordo com Bahr (2012, p. 17), “as crianças começam também a ter seu espaço reconhecido e surgem instituições próprias para elas”. Para Ariès (1981), as crianças são separadas dos adultos, como uma quarentena, deixadas em escolas e colégios, nos quais se passa a enclausurar as crianças e a escolarizá-las.

Segundo Ariès (1981), a família começa a dar importância e solicitude para a educação, tornando-se um lugar necessário. Mesmo sendo reconhecida como criança, o tratamento dado era pela sua gentileza, graça e inocência, transformando-se no brinquedinho dos adultos. Explica Bahr (2012, p. 17) que:

[...] com o advento da escolarização, entendeu-se que a criança deveria ser disciplinada para se enquadrar à nova ordem social. Esta concepção moral da infância refletia a pureza divina das crianças, vistas como frágeis criaturas de Deus, em que era necessário preservar e disciplinar.

Explicita Frabboni (1998) apud Bahr (2012, p. 66), sobre o sentimento de moralização, que a “[...] família e escola da era industrial [...] sequestraram a criança da sociedade dos adultos e a legalizam como uma dupla patente de identidade: a da criança-filho e a da criança-aluno”.

Esta aceitação da criança, para Ariès (1981) é uma forma de isolar a criança e escolarizá-la, tirando-a da convivência com a sociedade para formá-la moral e intelectualmente, por meio do autoritarismo e disciplina severa, assim separando a criança da convivência com a sociedade e com os adultos. Segundo Cervi (2015, p. 87), a escola é “[...] um espaço criado, uma instituição de confinamento, disciplinamento e de controle”.

A criança foi dividida por tempo, desde Comenius, pensando em uma escola para cada etapa, sempre atrelado ao que pode e ao que não pode fazer.

Isso ocorre cada vez mais no Brasil, em relação à escolarização das crianças:

Parece que o “ser criança” encurta-se na medida em que se deseja ser logo adolescente, e; num outro extremo, deseja-se não crescer, ou seja: ser jovem. E quem é a instituição que parece, por um lado, encurtar a infância e, por outro, prolongar o tempo da juventude? A escola! [...] (CERVI, 2015, p. 102).

A informação está em todos os lugares, mas a família está perdendo, na contemporaneidade, o controle da informação (CERVI, 2015). Ouvindo as crianças é que as coisas podem mudar. Segundo Foucault (1995, p. 72), “se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões, fossem ouvidos em uma escola maternal, isso seria o bastante para explodir o conjunto do sistema de ensino [...]”.

Mesmo os documentos que especificam o que as crianças devem ser são estratégias e dispositivos para governar cada vez mais (CERVI, 2015). Os manuais estão aí, para governar, ou para: ser gestor, governar e ser governado (CERVI, 2015).

### **CRIANÇA E INFÂNCIA: O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

No Brasil, a educação infantil vinculou-se, no início, com a higienização, a caridade, o amparo à pobreza e, em outros, à educação (HORN, 2004). Com a constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação (1996), resultou à criança direitos e tratamento como cidadã (HORN, 2004).

A educação infantil é compreendida como a primeira etapa da educação básica e “destacam a necessidade de estruturar e organizar ações educativas com qualidade, articulada com a valorização do papel dos professores que atuam junto às crianças de 0 a 5 anos” (OLIVEIRA, 2010, p. 1). Para que haja qualidade, é preciso que “deem voz às crianças e acolham a forma delas significarem o mundo e a si mesmas” (OLIVEIRA, 2010, p. 1). Segundo Oliveira (2010, p. 5), “as experiências vividas no espaço de educação infantil devem possibilitar o encontro de explicações pela criança sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesma enquanto desenvolvem formas de sentir, pensar e solucionar problemas”. Para Pizzi (2015, p. 11), todas essas práticas “na verdade, ingressam numa grande maquinaria institucional de discursos e práticas cuja

intenção é prepará-las para a vida adulta [...]”.

O espaço para a criança pode ter o poder de mudar esses discursos e práticas, pois, como ressalta Alves (2015, p. 43), sobre a criança, “a todo o momento surgem e coexistem formas de dizer e produzir a infância [...]”.

No espaço da educação infantil criam-se relações com o meio e com o outro. Essa interação e construção podem ser entendidas como cultura de pares, que Corsaro (2002) coloca como uma forma de se relacionar com o outro, mas não pela imitação, mas de uma forma que a criança vivencie o momento, no conhecimento do mundo adulto que consegue transpor para o seu mundo. “As crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir a sua própria cultura de pares” (CORSARO, 2002, p. 114).

As crianças e suas culturas provocam várias significações e buscam a interpretação dessa cultura a partir das linguagens constituídas em todos os papéis que criam e recriam em suas interações. Evidencia Sarmiento (2002, p. 10) que a criança é “um ator social portador da novidade que é inerente à sua pertença à geração que dá continuidade e faz renascer o mundo”. Segundo Horn (2004, p. 17), “a confrontação com os companheiros lhe permite constatar que é uma entre outras crianças que, ao mesmo tempo, é igual e diferente delas”.

Partindo do entendimento de que as crianças também aprendem na interação com seus pares, é fundamental o planejamento de um espaço que dê conta dessa premissa, permitindo que, ao conviver com grupos diversos, a criança assuma diferentes papéis e aprenda a se conhecer melhor (HORN, 2004, p. 18).

Segundo Forneiro (1998, p. 231), “para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele, é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter de ficar quieto, é esse lugar onde pode ir olhar, ler, pensar”. Para Enrico Battini (1982, p. 24) apud Forneiro (1998, p. 232), “o ambiente fala mesmo que nós nos mantenhemos calados”.

Na valorização da sensibilidade na organização do espaço para a criança na educação infantil, entende-se por estética, segundo Martins (2011, p. 312) que “há, no fazer artístico, estético, uma sintonia entre o pensar e o fazer, entre a prática e a teoria, entre o conteúdo e a forma”.

O espaço para a criança precisa de elementos que evidencie o sujeito criança, a estética, o ambiente e todos os materiais. Sem materiais, a organização

do espaço não acontece. Não é com simples materiais, ocasionais e tradicionais, que se compõe uma organização do espaço rica e potencializada.

### **A TREJETÓRIA DE PESQUISA: UM ESTUDO DE CASO**

A pesquisa pós-crítica está em movimento, trilha novos caminhos, com premissas e pressupostos para pensar numa outra forma de pesquisa. Uma metodologia na qual a verdade precisa ser questionada, pois, para Foucault (2000) apud Paraíso (2014), não existe uma verdade a ser descoberta; existem discursos que a sociedade aceita, autoriza e faz circular como verdadeiro (PARAÍSO, 2014).

Nas pesquisas, perguntamos: como isso funciona? O que posso fazer com isso? A descrição é extremamente importante em nossos modos de pesquisar. É importante para que mostremos suas transformações, suas continuidades e descontinuidades, suas potências e fragilidades (PARAÍSO, 2014). Trabalhar com as metodologias de pesquisas pós-críticas é movimentarmo-nos constantemente para olharmos qualquer currículo, qualquer discurso como uma invenção (PARAÍSO, 2014).

A abordagem qualitativa trata-se de uma pesquisa que “[...] exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permite estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (BOGDAN; BLIKEN, 1999, p. 49).

A pesquisa foi realizada em um Centro de Educação Infantil público, na cidade de Blumenau, Santa Catarina. A instituição segue os documentos oficiais para a Educação Infantil, garantindo às crianças um espaço de potencialidades.

O bairro onde o CEI está situado é próximo ao centro da cidade e as famílias são advindas de outras regiões de Blumenau.

A instituição desenvolve suas atividades em uma casa. A casa é adaptada para as crianças e possui dois pavimentos. No primeiro pavimento localiza-se a sala dos professores, cozinha, área de serviços gerais, sala de estudo, sala da direção, banheiro das crianças, espaço externo e refeitório. No segundo ficam as salas para as crianças. Todas com janelas amplas onde as crianças possam observar o espaço externo quando ainda estão em sala.

O horário de funcionamento da instituição é das 07h00 às 18h30,

atendendo crianças de 0 a 5 anos. No ano de 2014, ano da pesquisa, eram 90 crianças matriculadas no CEI. Todas as turmas do CEI possuem duas professoras. A instituição possui um espaço externo arejado, com momentos de sombra e momentos de iluminação do sol.

As fontes de geração de dados foram observação com registro em diário de campo e registro fotográfico. A pesquisa ocorreu no mês de Agosto de 2014, com a pesquisadora permanecendo em campo por um mês. Com a permanência no espaço, foi possível registrar os movimentos e as práticas cotidianas da instituição. Observando os espaços e as práticas, também foi possível notar a mudança dos cantos em sala, e a modificação na organização do espaço externo. Esta mudança ocorria semanalmente, às vezes diariamente, conforme a criança.

Os espaços observados e registrados foram os espaços externos e internos do CEI. Os registros fotográficos das salas aconteciam quando as crianças não estavam no espaço. Mas foram registradas no diário de campo todas as relações que criavam no espaço interno e externo. No momento em que as crianças estavam no espaço interno, eram registradas fotos do espaço externo.

Todos os movimentos do espaço interno e externo eram registrados, embora não aparecessem às crianças, as fotografias demonstram o que elas produziam naqueles espaços de educação infantil. Os registros fotográficos eram feitos sem as crianças, pois não era permitido fotografá-las.

As fotos geradas e o registro no diário de campo foram analisados a partir de categorias, organizadas em quatro dimensões: dimensão física, dimensão relacional, dimensão funcional e dimensão temporal. Os dados foram analisados a partir de autores que dialogam sobre o espaço e organização do espaço. Além dos autores, foram utilizados documentos oficiais para a educação infantil.

As dimensões foram elencadas, pois anunciavam uma relação com o espaço pesquisado, podendo utilizar as fotos e o registro do diário de campo para revelar a organização do espaço do CEI. As categorias conectavam-se no sentido de descortinar o CEI, de anunciar que lá, naquele espaço, estava acontecendo algo de diferente. A organização do espaço do CEI tinha fluidez, uma correnteza, que leva pensar a criança, o espaço e as relações.

Veremos essa fluidez...

## A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: AS DIMENSÕES EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Para a análise dos dados gerados optou-se por quatro dimensões que apresentam um espaço de desafios e experiência para as crianças. Foram selecionadas doze fotos para dialogar com as categorias de análise. Todas selecionadas conforme a relação obtida com a dimensão.

No final de cada categoria, há uma análise geral da pesquisadora, que problematiza o espaço, as relações e a organização do espaço para as crianças.

### O ESPAÇO SOB O OLHAR FÍSICO

Esta dimensão está relacionada com o *espaço físico* que compreende, segundo Forneiro (1998, p. 233, grifos nossos), “a escola, a sala de aula e os espaços anexos”.

As *condições estruturais do espaço* estão relacionadas com “dimensões, tipo de piso, janelas, etc”, isto é, “piso liso, de fácil conservação, manutenção e limpeza, confortável termicamente, de acordo com as condições climáticas regionais” (BRASIL, 2008, p. 16).

Os *objetos do espaço* são apresentados como “materiais, mobiliário, elementos decorativos, etc” (FORNEIRO, 1998, p. 233, grifos nossos).

A *organização* compreende “diferentes formas de distribuição do mobiliário e dos materiais dentro do espaço”. (FORNEIRO, 1998, p. 233, grifos nossos).

O *espaço físico* do CEI possui salas pequenas, entretanto, o espaço externo contempla esta falta. Para os Parâmetros Básicos de Infraestrutura da Educação Infantil, é importante que os pisos, janelas, portas, paredes e iluminação estejam adequados à criança. Para a sua altura, para ventilação, para a visibilidade da criança ao espaço externo à sala, para a interação. Tudo para garantir o cuidado com a criança (BRASIL, 2008).

É possível perceber, na Figura 1, como é o piso da sala, demonstrando o cuidado que há com a criança. Os materiais presentes na sala necessitam ser sensíveis ao olhar do professor. Os materiais precisam estar organizados de forma que adultos e crianças interajam (HORN, 2004).

**Figura 1: Os cantos e materiais da Turma do Barulho**



Fonte: Arquivo Pessoal

Para Horn (2004), o espaço necessita de materiais que desafiem e desenvolvam as crianças, pois espaços não desafiadores não auxiliam a criança no seu cotidiano, a pobreza de materiais, cores, aromas e sons dificultam as experiências.

Mesmo que o espaço seja organizado, precisa atrair a criança a participar, pois, segundo Horn (2004, p. 15), “não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competência; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente”.

Mesmo que as salas de aulas não sejam amplas, são planejados alguns movimentos para ela, pois o espaço que lá possui, pode ser utilizado para diversas ações. Organizar o espaço da sala de aula é importante para a interação dos sujeitos, além de proporcionar outras vivências. Segundo Horn (2004, p. 85):

É importante considerar que o modo de organizar os materiais e colocá-los em locais “convidativos e acolhedores” no espaço da sala de aula incita

as crianças à interação, motivando o protagonismo infantil nas ações que se desenvolvem na sala de aula.

Todo o espaço necessita proporcionar oportunidades, experimentações e desafios para a criança. O espaço físico proporcionado para a criança precisa permitir diversas situações e ações, para que as vivências das crianças se tornem cada vez mais significativas.

Nesse CEI, o mobiliário, os objetos e os materiais apresentados para a criança possuem uma estética diferenciada, que desafia a criança a perceber outros materiais e elementos. Segundo Martins (2011, p. 312), “há, no fazer artístico, estético, uma sintonia entre o pensar e o fazer, entre a prática e a teoria, entre conteúdo e a forma”.

É no espaço físico da educação infantil que as crianças experimentam e vivem outras maneiras de ser criança, com informações diferentes e modos distintos de lidar com os materiais. Segundo Lima (1989, p. 13) apud Barbosa (2006, p. 121):

O espaço é o elemento material pelo qual a criança experimenta o calor, o frio, a luz, a cor, o som e, em uma medida, a segurança (...) é um espaço físico que a criança estabelece a relação com o mundo e com as pessoas; e, ao fazê-lo, esse espaço material se qualifica.

O espaço físico proporcionado para a criança precisa permitir diversas situações e ações, para que as vivências das crianças se tornem cada vez mais significativas. O documento de infraestrutura para a educação infantil traz as salas multiusos, que são salas destinadas para “a organização de cantos de leitura, brincadeiras, jogos [...]” (BRASIL, 2008, p. 17). O CEI não possui sala multiuso, porém esses espaços são criados em diferentes ambientes, nas próprias salas, e no próprio espaço externo.

As condições estruturais têm relação com a dimensão física. Os materiais que formam a estrutura física do CEI possibilitam às crianças fazerem parte dessa estrutura, isto é, em alguns locais são colocados pisos para as crianças desenharem, no chão elas podem desenhar com giz de quadro. Conforme os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para a Educação Infantil, nos aspectos construtivos, deve contemplar “quadros e cabides acessíveis às crianças e, quando possível, contemplar também quadro azulejado [...]” (BRASIL, 2008, p. 17).

**Figura 2: O interior da Cabana**



Fonte: Arquivo Pessoal

Na figura 2 é possível identificar alguns dos materiais existentes no CEI, como tijolos, madeira, palet de madeira, pedra. São esses e outros materiais que fazem parte da estrutura do CEI. Coloca Pol; Morales (1982, p. 5) apud Forneiro (1998, p. 235) que “o espaço jamais é neutro” e continua: “a sua estruturação, os elementos que o formam, comunicam ao indivíduo uma mensagem [...] quer fazer chegar à criança” (POL; MORALES, 1982, p. 5).

A organização dos espaços com diferentes materiais podem ser sugeridos pelas crianças. Pois é nos espaços que as crianças criam vontades, conversam, contam das suas necessidades, “[...] somos nós, adultos, que precisamos compreender as crianças, reconhecendo que elas têm muito a nos dizer” (MARTINS; GARANHANI, 2011, p. 42).

A *organização do espaço* do CEI é um olhar que o grupo de professores que trabalham no espaço tem sobre a organização do espaço para a criança. Esse olhar está em sintonia com os documentos de infraestrutura para a educação infantil, sugerindo que o espaço favoreça “diferentes tipos de interações [...]

diálogo e observação das necessidades e interesses expressos pelas crianças [...]” (BRASIL, 2008, p. 10).

Segundo Horn (2004, p. 37), o espaço necessita ser “[...] rico em significados, podendo ser “lido” em suas representações, mostrando a cultura em que está inserido através de ritos sociais, de colocação e de uso dos objetos, de relações interpessoais, etc”.

No espaço pesquisado, a polivalência acontece a cada instante. Segundo Forneiro (1998, p. 234), a polivalência “refere-se às diferentes funções que um mesmo espaço físico pode assumir (o tapete é lugar de encontro e comunicação durante a assembleia e, mais tarde, é o canto das construções)”. Podendo ser utilizado de várias maneiras, em diversos momentos pela criança, no seu cotidiano.

**Figura 3: O canto do telefone da Turma da Árvore**



Fonte: Arquivo Pessoal

A figura 3 é uma sala onde possuí o canto do telefone, mas que pode ser o canto do restaurante, da casa, da venda. Assim coloca Forneiro (1998, p. 234): “falamos de canto das construções, do canto do jogo simbólico, do canto da música, da biblioteca, etc”.

Referindo-se à dimensão física com todos os seus elementos, é possível identificar pelas fotografias como o espaço é organizado pelo grupo de professores, que planeja o espaço e ambiente conforme os materiais que possuem (aqueles que não possuem, vão buscando) e, além disso, partem das sugestões das crianças.

Os registros em diário de campo resultaram nessa troca entre adulto e criança, percebendo que a criança consegue movimentar-se em diferentes espaços e brincar com diferentes materiais em vários momentos do dia.

### **O ESPAÇO SOB O OLHAR FUNCIONAL**

Esta dimensão está relacionada com a *utilização dos espaços*. A utilização de diferentes objetos para diferentes situações e atividades que são desenvolvidas no espaço. Segundo Forneiro (1998, p. 234), “os espaços e matérias da sala de aula podem ser usados autonomamente pela criança e também com a orientação do professor”.

O CEI utiliza diversos materiais, tanto em sala de aula, como no espaço externo. Os registros evidenciaram que as crianças permanecem pouco na sala. As atividades em sala são através dos cantos e atividades dirigidas. Segundo Forneiro (1998, p. 255), “é sem dúvida, o elemento que condiciona mais claramente a estrutura do espaço”. Nos dias de registro e observação, as atividades eram realizadas em sala, com as crianças, embora algumas fossem realizadas fora do ambiente da sala de aula nas quais as crianças participam, ajudam e conhecem.

Segundo Hohman; Bannet; Wikart (1990, p. 58) apud Forneiro (1998, p. 257), referindo-se à escolha do espaço pela criança:

O espaço da sala de aula funciona melhor para as crianças quando está dividido em diferentes áreas de trabalho. Estas áreas ajudam às crianças a verem quais são as suas opções, já que cada área oferece um conjunto único de materiais e oportunidades de trabalho.

Na figura 4, o quadro de sementes não é um canto em sala, mas uma atividade desenvolvida com as crianças no espaço da educação infantil. Essas sementes foram de vários tamanhos, texturas, cores, cheiros. A construção não foi linear, existem vários desenhos feitos pelas crianças de diferentes jeitos. Além

de ser uma atividade dirigida, faz parte da decoração (estética) da instituição. Para Forneiro (1998, p. 260 grifo do autor), a estética é entendida como “é importante que a sala de aula esteja organizada e ambientada com uma certa sensibilidade estética que, além de tornar agradável a permanência na mesma, ‘eduque’ a sensibilidade estética e artística das crianças”.

**Figura 4: O quadro de sementes**



Fonte: Arquivo Pessoal

Na figura 5 é apresentada uma atividade das crianças feita no espaço interno, onde cada criança se representou por meio de desenho. O relato foi escrito no diário de campo. Cada criança construiu, da sua forma, com os elementos que foram apresentados e, depois de prontos, cada criança apresentou o seu. Ficava exposto na sala como forma de identificação.

Além de a construção partir da criança, o mural faz parte da personalização da sala. Segundo Forneiro (1998), é importante que as crianças participem da decoração da sala para que seja construída a sua identidade.

**Figura 5: O nome e o desenho de cada criança**



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 6: Brinquedo do espaço interno**



Fonte: Arquivo Pessoal

Na figura 6 há um brinquedo construído pelas crianças, mas mediado pelo adulto e que faz parte dos cantos em sala. Todos os elementos construídos pela criança precisam ser valorizados, pois carregam um valor afetivo e constroem a sua história enquanto ator social, conforme figura 7. Pois, enquanto a criança constrói, ela também conhece e experimentava.

De acordo com Martins; Lombardi; Demarchi; Bonci; Meister; Egas (2013, p. 5), “o instante, o espaço e a descoberta entrelaçam-se com a mão, o olho, a cor, o gesto, a folha, o chão...” Segundo os Parâmetros de Infraestrutura para a Educação Infantil, “acredita-se que ambientes variados podem favorecer diferentes tipos de interações e que o professor tem papel importante como organizador dos espaços [...]” (BRASIL, 2008, p. 10).

**Figura 7: Mural da Turma da Lua (atividade feita em sala)**



Fonte: Arquivo Pessoal

A organização do espaço do CEI enquanto função de atividades e cantos, na polivalência de seus materiais e objetos, apresenta uma forma variada de trabalhar com as crianças, tanto na organização do espaço interno como na organização do espaço externo, ambos com materiais diversificados. Conforme

os Parâmetros de Infraestrutura para a Educação Infantil, “deve-se organizar um ambiente adequado [...] que possibilite à criança a realização de explorações e brincadeiras, garantindo-lhes identidade, segurança [...]” (BRASIL, 2008, p. 16).

### O ESPAÇO SOB O OLHAR TEMPORAL

A dimensão temporal busca a *organização do tempo*, os momentos em que os diferentes espaços são utilizados. Está relacionada com o tempo das diferentes atividades, e o espaço que será utilizado (FORNEIRO, 1998).

**Figura 8: Cordas no trepa trepa no espaço externo**



Fonte: Arquivo Pessoal

A partir das anotações no diário de campo, o tempo é planejado com a organização do espaço. As turmas do CEI interagem no parque e todas podem ao mesmo tempo utilizar o mesmo local. O tempo é organizado pelo professor, mas a criança entende esse tempo. Para Forneiro (1998), a organização do espaço precisa ser coerente com a organização do tempo.

Na figura 8 trago o exemplo do trepa trepa, que foi construído pela professora de educação física do CEI. Foi montando um circuito, com trepa

trepa, cama de gato e outros. Quando uma criança saía do trepa trepa, outra já iniciava, este é o tempo que a criança consegue perceber e consegue realizar, de forma que experimente cada ação.

Além de a criança entender o tempo é importante ela entender a rotina. Segundo Barbosa (2006, p. 156), “os exemplos de rotinas e as formas de representação das mesmas tem como objetivo permitir que as crianças possam compreender o tempo [...]”.

Situar as crianças nas atividades do espaço é importante, como ressalta Goffman (1974) apud Bondioli (2004, p. 21): “situar os acontecimentos e as práticas que acontecem na escola significa também conceber o ambiente não só nos seus aspectos estruturais, mas no seu dinamismo temporal”.

**Figura 9: A caixa de areia do espaço externo**



Fonte: Arquivo pessoal

A figura 9 apresenta um elemento do espaço externo, onde as crianças brincam. O tempo organizado do espaço externo é pelas professoras. A caixa de areia é local muito concorrido no CEI, pois todos gostam de estar em contato com a areia. Segundo Milton Santos (2006, p. 10), “o tempo aparece

na prática separado do espaço” mesmo que os discursos sejam outros, é o que mais acontece, coloca Santos. Mas, na observação do cotidiano da educação infantil, foi possível verificar que o CEI, na medida em que é possível, trabalha o tempo com a criança, fazendo-a entender que existe e que faz parte da rotina diária, tentando a todo tempo fazer a criança entender seus movimentos. Relacionando o tempo com o planejamento do espaço.

**Figura 10: O túnel com malha**



Fonte: Arquivo Pessoal

A figura 10 é do túnel com malha, que mostra os diferentes tempos que a criança pode criar no espaço. Por que com o tempo podemos relacionar as descobertas das crianças. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil, sobre o tempo e o espaço, para que “ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas” (BRASIL, 2010, p. 26).

Ao nos voltarmos para os dados registrados, o CEI busca o equilíbrio na organização do tempo e do espaço. O equilíbrio fica em relação ao grupo

de professores que planeja o espaço levando em consideração o tempo para cada situação, propiciando para a criança momentos diversos no espaço, sem ser isento da atuação.

## O ESPAÇO SOB O OLHAR RELACIONAL

A *dimensão relacional* está pautada com as relações estabelecidas no espaço. “Tais relações têm a ver com aspectos como os diferentes modos de ter acesso aos espaços” (FORNEIRO, 1998, p. 235). Ou seja, “o espaço lúdico infantil deve ser dinâmico, vivo, “brincável”, explorável, transformável, e acessível para todos” (BRASIL, 2008, p. 10, grifos do autor).

O CEI busca a interação entre as crianças, entre os professores e os funcionários. Além desse relacionamento, há o relacionamento com os objetos apresentados para as crianças nos ambientes e espaços organizados. “O ambiente existe à medida que os elementos que o compõem interagem entre si. Por isso, cada pessoa o percebe de uma maneira diferente” (FORNEIRO, 1998, p. 235). As salas precisam ser organizadas “de forma estimulante, confortável, aconchegante, segura [...]” (BRASIL, 2008, p. 12).

As crianças possuem um jeito muito próprio de se relacionar. Deixar a criança conhecer o outro, é apresentar outras singularidades, saber que as pessoas são diferentes, que existem mundos diferentes, objetos diferentes, mas que podem possuir a mesma forma ou não. Os Parâmetros de Infraestrutura para a Educação Infantil trazem a composição de móveis, pisos, para que a criança tenha outra relação com o espaço, de cuidado (com o outro), de brincadeiras, de espaços diferentes, com possibilidades diferentes (BRASIL, 2008). Esses documentos elucidam uma infraestrutura pensada para a criança, o CEI apresenta, mas de outras maneiras.

A figura 11 demonstra o espaço externo. Uma cena criada por crianças, por várias crianças. Além de estarem brincando, estavam se relacionando. A relação no espaço é através da relação com os objetos, com os materiais e com o outro. Para a relação entre pares no espaço é necessário estar “possibilitando tanto a convivência entre crianças e entre adultos e crianças quanto à ampliação de saberes e conhecimentos de diferentes naturezas” (BRASIL, 2010, p. 17).

Na organização do espaço, o CEI busca, no planejamento, organizar

momentos em que as turmas façam passeios sempre em conjunto, pois para o CEI é importante essa troca de experiência, tanto entre professores, como entre as crianças e vice-versa. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, no eixo do currículo, têm como um dos princípios norteadores a interação que “promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura” (BRASIL, 2010, p. 26).

**Figura 11: As madeiras do espaço externo**



Fonte: Arquivo Pessoal

A figura 12 mostra a passarela do espaço externo. Com vários objetos, que desafiam a criança no cotidiano. Segundo Horn (2004, p. 48), “de acordo com Wallon, o espaço é contruído socialmente e é reflexo e, ao mesmo tempo, contrutor de relações”.

Na imagem é possível notar que as interações acontecem, pelo simples motivo de existir diferentes coisas, isto é, “um local onde características físicas, sociais e simbólicas permitirão, ou não, conforme estiver estruturado, que

muitas interações ocorram entre as crianças e entre as crianças e os objetos e os materiais” (HORN, 2004, p. 55).

Percebe-se que o CEI apresenta uma forma diferenciada na relação que estabelece com o espaço, e a relação formada nele. Essas relações são estabelecidas por pessoas, e essas pessoas relacionam-se com os objetos, sendo que esses objetos fazem parte de uma organização. Este espaço de educação infantil procura apresentar uma interação que a criança veja, no outro, oportunidades de respeito, de conhecer, de partilhar diversas experiências e vivências no cotidiano.

**Figura 12: A passarela das panelas, correntes, tampas**



Fonte: Arquivo Pessoal

### **ANÁLISE GERAL DOS DADOS EMPÍRICOS**

As dimensões física, funcional, temporal e relacional, foram trabalhadas de forma interligada, pois quando se fala em organização do espaço, não podemos separar os elementos.

Mesmo que a estrutura interna das salas sejam pequenas, os materiais que ela possui possibilitam diversas experiências para as crianças, além do contato com vários materiais. Apresenta Forneiro (1998, p. 249-250 grifo do autor):

Se eu considero que as crianças são os verdadeiros protagonistas da sua aprendizagem, que aprendem a partir da manipulação e da experimentação ativa da realidade e através das descobertas pessoais; se, além disso, entendo que “os outros” também são uma fonte importante de conhecimento, tudo isso terá reflexos na organização de minha sala de aula: tendo espaços para o trabalho em pequenos grupos, distribuindo o mobiliário e os materiais para que as crianças tenham autonomia e “enchendo” o espaço de materiais que despertem o interesse infantil para manipular, experimentar e descobrir.

A organização do espaço e a organização dos objetos do CEI são para proporcionar novos conhecimentos, novos desafios, novas descobertas para as crianças. A relação que a criança cria com o objeto e o outro no espaço, auxilia na construção da autonomia, do diálogo e das diversas linguagens.

Com o diálogo estabelecido com os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para a Educação Infantil, foi possível compreender os elementos básicos para uma educação infantil que cuide e que ensine. Um espaço onde a criança esteja segura, mas ao mesmo tempo, contendo vivências:

Deve-se organizar um ambiente adequado à proposta pedagógica da intuição, que possibilite à criança a realização de explorações e brincadeiras, garantindo-lhe identidade, segurança, confiança [...] promovendo oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento” (BRASIL, 2008, p. 16).

Mesmo que a estrutura interna das salas seja pequena, os materiais existentes, possibilitam diversas experiências às crianças. Expõe Forneiro (1998, p. 249-250 grifo do autor):

Se eu considero que as crianças são os verdadeiros protagonistas da sua aprendizagem, que aprendem a partir da manipulação e da experimentação ativa da realidade e através das descobertas pessoais; se, além disso, entendo que “os outros” também são uma fonte importante de conhecimento, tudo isso terá reflexos na organização de minha sala de aula: tendo espaços para o trabalho em pequenos grupos, distribuindo o mobiliário e os materiais para que as crianças tenham autonomia e “enchendo” o espaço de materiais que despertem o interesse infantil para manipular, experimentar e descobrir.

Os elementos que constituem o espaço da educação infantil fazem dele um espaço facilitador do conhecimento, de desafios, além de propiciar a interação, propicia a brincadeira, a imaginação. É nas mãos das crianças que aquele espaço vai se formando, tecendo um novo enredo, com novos personagens, com novas estéticas, com novas cores e com outras ideias e invenções.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil tem a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010, p. 12).

No CEI pesquisado tem-se uma preocupação com a criança, tentando diariamente promover vivências e experiências, conhecendo novos materiais e objetos. Apresentando outro conceito de criança, aquela imersa no espaço organizado para ela, imersa num espaço que a vê como protagonista, como um ser que existe agora. Uma criança não isenta de poder, como evidencia Bujes (2003), mas uma criança que tem poder, que fala e vivem intensamente todos os espaços criados e organizados para ela e com ela. Fazendo a criança sair do seu espaço normal e habitar outro território, lugar, transformando o seu real em imaginação. Um espaço que desvela novos aromas e sons, um espaço que veja na criança uma forma de trabalho emancipador, autônomo e de linguagens. Uma criança que experimente e que viva cada momento na educação infantil com muita potência e fluidez. É essa criança que o CEI público de Blumenau tenta articular nas suas práticas e organização do espaço.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O CEI pesquisado reinventa os espaços para as crianças a todo o momento, com diferentes materiais, além de contar com a ajuda da criança nesta construção. Os espaços externos e internos são compostos por diversos materiais, nos quais as crianças brincam, criam e recriam suas próprias brincadeiras e o faz de conta.

Esse espaço externo possui uma área na qual a criança pode brincar livremente em todos os brinquedos, como túnel, passarela, caixa de areia, cabana, tendo contato com materiais e objetos diversos. Todo o espaço, tanto externo como interno é explorado pela criança e, nesta exploração, a criança consegue se divertir, conhecer e adquirir experiência. O espaço externo possui malhas em túneis, cordas em lugares inusitados, madeira, colheres, tampas, panelas, tudo para que tenha um espaço inusitado, para crianças inusitadas.

O espaço interno possui suas limitações, havendo salas pequenas e pouco espaço para a criança movimentar-se nela. O espaço interno o mobiliário é contemplado a partir de cantos, com bonecos, com blocos de madeira, por teclados, por carros, e outros objetos, mas não deixando empobrecer o espaço interno, sempre tentando colocar um novo espaço, uma nova brincadeira num espaço reduzido.

O espaço como ambiente também traz para a criança um leque de oportunidades e desafios. No momento em que a criança está com um objeto, este objeto pode ser polivalente, ou seja, ele pode ser muitas coisas no decorrer da brincadeira.

Por meio da pesquisa foi possível constatar que a organização do espaço é elemento fundamental para este CEI. A criança e o adulto são participantes ativos nesse processo. Mesmo com fragilidades, a instituição busca o cuidado com cada elemento que a criança e o adulto serão envolvidos, pois ambos fazem parte do processo de construção do espaço. O adulto é o autor e a criança coautora e juntas constroem a organização do espaço e a busca por materiais diferenciados.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Juliana Carla da Paz. A cidadania na poesia e na escola: o que dizem as crianças? In: ALVES, Juliana Carla da Paz; PIZZI, Laura Cristina Vieira; ROCHA, Paula Rejane Lisboa da. **Cidadania e poesia na escola: essa rima cola**. Maceió, EDUFAL, 2015.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BAHR, Talita. FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU. **As crianças e a cidade**: problematizando os espaços para a criança. Trabalho de Conclusão de Curso, FURB – Blumenau, 2012. 111 p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso).

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1999.

BONDIOLI, Anna. **A observação do contexto educativo**: uma perspectiva de pesquisa sobre os tempos do cotidiano. São Paulo: Cortez, 2004.

BUJES, Maria Isabel E. **Alguns apontamentos sobre as relações infância poder numa perspectiva foucaultiana**. Poços de Caldas (MG), 2003.

BUJES, Maria Isabel E. **Infância e Maquinarias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BUJES, Maria Isabel E. O fio e a trama: as crianças nas malhas do poder. **Educação e realidade**. Porto Alegre, n. 01, p. 25-44./ jan./jun. 2000.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da educação Básica. **Revisão das diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília, CNE, MEC, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil**. Encarte 1. Brasília: MEC, SEB, 2008.

CERVI, Gicele Maria. Infância e escola: reatualização da teoria do capital humano e o governo dos sujeitos. In: ALVES, Juliana Carla da Paz; PIZZI, Laura Cristina Vieira; ROCHA, Paula Rejane Lisboa da. **Cidadania e poesia na escola**: essa rima cola. Maceió, EDUFAL, 2015.

CORSARO, William. A reprodução interpretativa no brincar ao faz-de-conta

das crianças. **Revista Educação, Sociedade & Culturas**, n. 17, p. 113-134, 2002.

FORNEIRO, Lina Inglesias. A organização dos Espaços na Educação Infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GARANHANI, Marynelma Camargo; MARTINS, Rita de Cássia. A organização do espaço na educação infantil: o que contam as crianças? **Diálogo Edu**. Curitiba, v.11, n. 32, p. 37-56, jan./abr. 2011. Acesso em: 10 de out. 2014.

GONDRA, José Gonçalves. A emergência da infância. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n.01, p. 195-214,/abr. 2010.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Arte, só na aula de arte? **Educação**, v. 34, n. 3, p. 311-316, 2011. Acesso em: 20 set. 2014.

MARTINS, Mirian Celeste; LOMBARDI, Lucia Maria Salgados dos Santos; DEMARCHI, Rita; BONCI, Estela; MEISTER, Isabel; EGAS, Olga. Leituras de imagens alimentando reflexões sobre experiências estéticas e ensino da arte. In: XXIII Confaeb. Arte/Educação no pós-mundo, 2013, Porto de Galinhas. **Anais...** Porto de Galinhas: nov./ 2013.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. Arte, só na aula de arte? **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n.3, p. 311-316, set/dez. 2011.

MELLO, Lucrécia S; LUZ, Anízia Aparecida N. A importância da gestão na formação dos profissionais da educação infantil: respeito às diversidades. **Revista Eletrônica de Educação**, São Paulo, v. 9, n.1, p. 105-119, 2015.

MEYER, Dagmar E. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? In: I Seminário Nacional: Currí-

culo e movimento – perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: nov./ 2010.

PIZZI, Laura Cristina Vieira. Currículo, subjetividade e cidadania no ensino fundamental: política para crianças. In: ALVES, Juliana Carla da Paz; PIZZI, Laura Cristina Vieira; ROCHA, Paula Rejane Lisboa da. **Cidadania e poesia na escola**: essa rima cola. Maceió, EDUFAL, 2015.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço. São Paulo: Edusp, 2006.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Imaginário e culturas da infância. **Instituto de Estudos da Criança**, Portugal: Universidade do Minho, 2002.

VARELA, Julia; ALVEREZ-URIA, Fernando. **Arqueologia da escola**. *Las ediciones de La Piqueta*, Madrid, 1991.

Recebido em 8 de dezembro de 2015.

Aprovado em 16 de março de 2016.